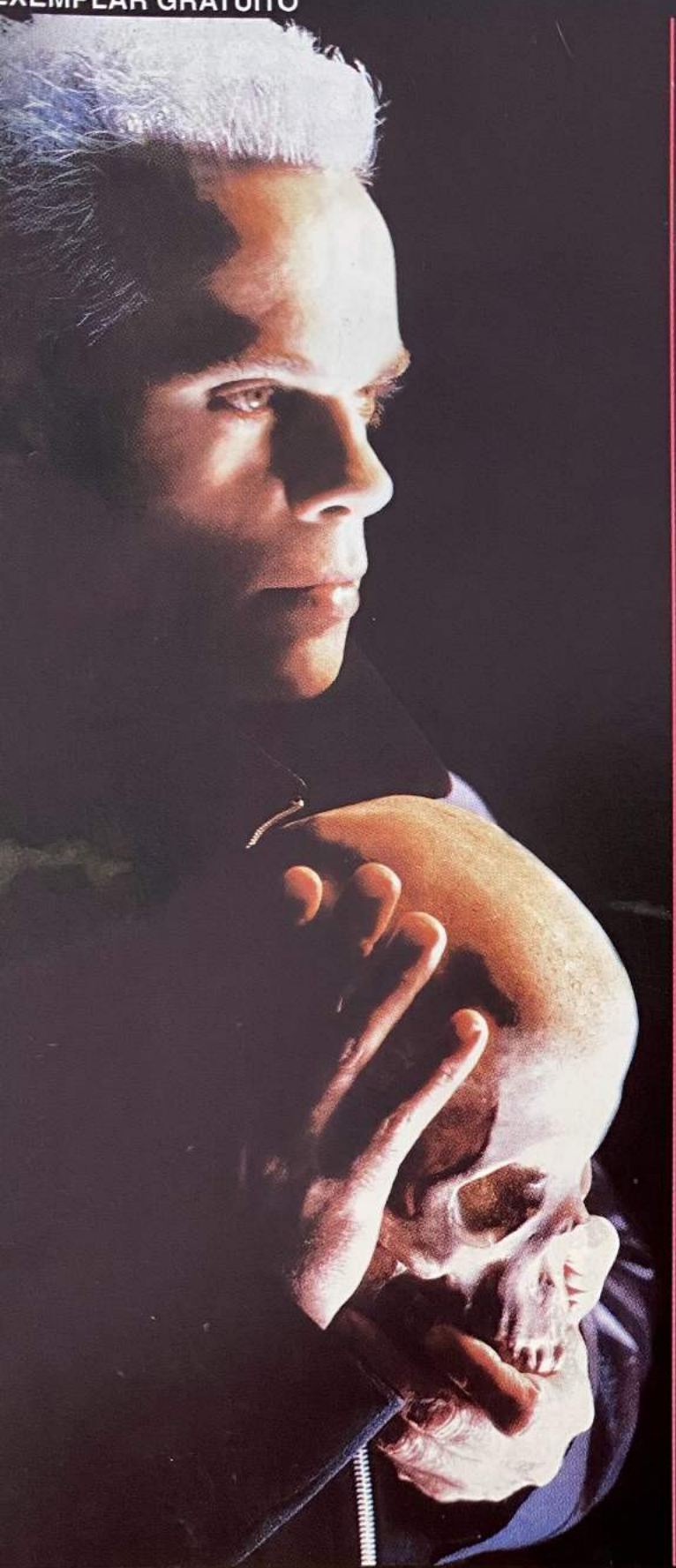
APLAUSO

ANO III Nº 25

teatro

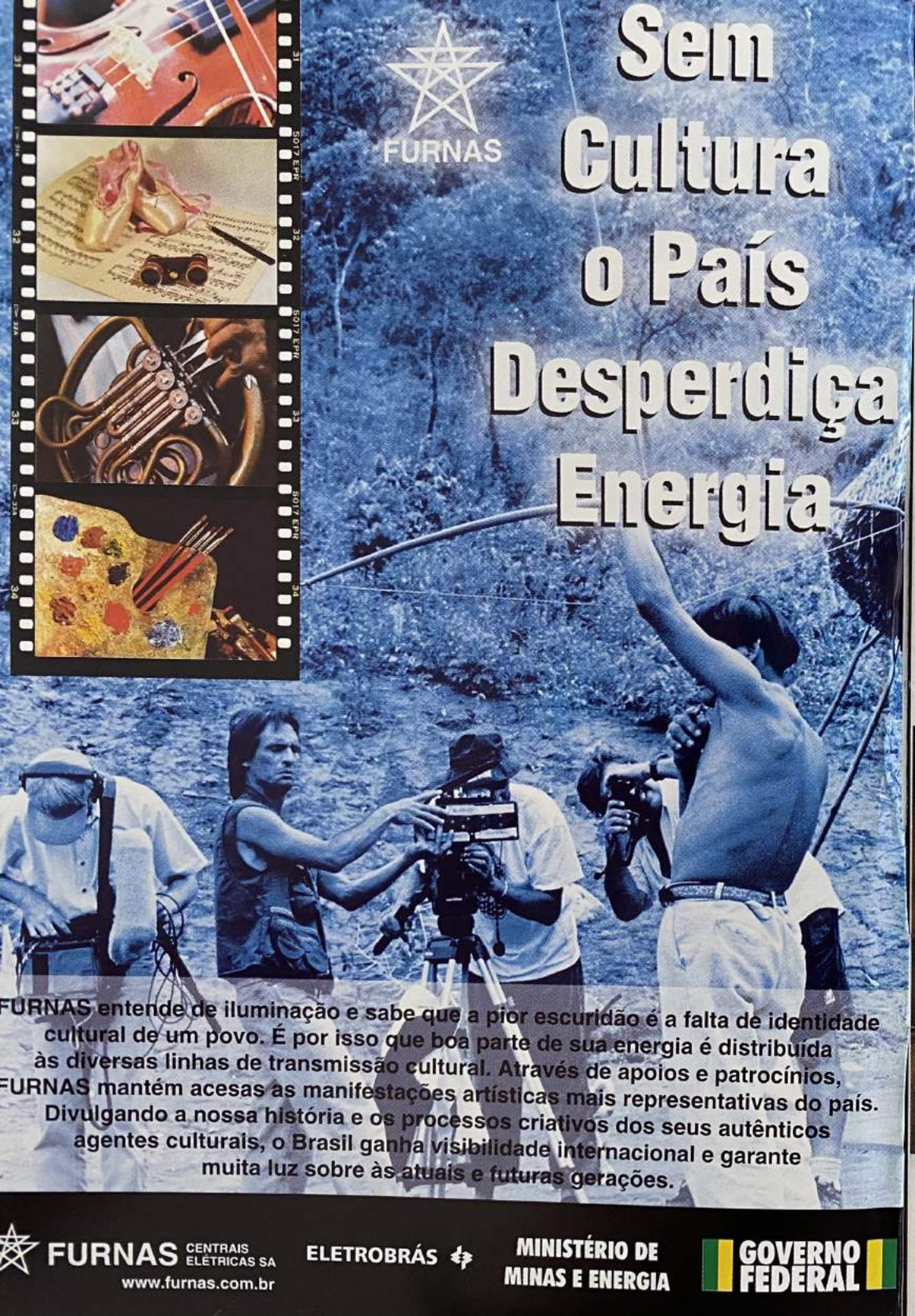
EXEMPLAR GRATUITO



Tônia Carrero e Diogo Villela

80 anos de teatro

Em cartaz • Jornal do Teatro • Andréa Beltrão • Aloísio de Abreu • Bibi Ferreira • Eliane Giardini • Luiz Melo • Nathália Timberg • Regina Duarte • Rosamaria Murtinho



Estufa de idéias

O ACT (do inglês, atuar) é o projeto de uma vida inteira. E a semente está nas motivações que me fizeram sair de Curitiba e ir para São Paulo, para o Centro de Pesquisa Teatral (CPT), buscar o Antunes Filho. Precisava de um trabalho contínuo, diário, de treinamento. E, principalmente, de um espaço para investigação teatral, para pesquisa.

Desde aquela época ficou claro para mim que o ator precisa - exatamente como o artista plástico ou o bailarino - de uma casa. Nosso trabalho é essencialmente prático e estamos desprotegidos. O ACT é, pois, uma Casa do Ator. Funciona em Curitiba, desde janeiro, em uma antiga estufa de bananas. Hoje nos entendemos como uma estufa de idéias. Nosso primeiro espetáculo será apresentado em julho de 2002. E já começaremos a trabalhar intensamente em outubro. Tempo, para nós, é palavra sagrada. Tempo para experimentar, para encarar o desconhecido. Hoje já contamos com 60 colaboradores.

Nada é por acaso. É claro que minha vida mudou completamente. Minha sede é, mais uma vez, Curitiba. Inicialmente um investimento meu, já contamos com o patrocínio da Telepar-Telecom, do Banestado e da Rio Sul. Com isso podemos fazer workshops, dentro do Projeto Multiáreas, com artistas de formações diversas. E ainda preparar nosso primeiro espetáculo, que vai excursionar pelo país.

Tudo ainda é novo para mim, mas já me deixa feliz perceber no semblante das pessoas que estão convivendo com o ACT as mesmas sensações que tive quando cheguei ao CPT. O ACT também existe para o público, é claro. Ele será nosso maior feedback. Nosso objetivo é vivenciar a magia do processo de criação. Que, para mim, sempre foi muito mais importante do que o resultado final. O ACT está de portas abertas para todos.

Luiz Melo, abril de 2001

Teatro em livro

A diretora Karen Acioly está finalizando o Livro/CD *Iluminando a História*, registro teatral da peça homônima sobre a história da energia elétrica, encenada no Centro Cultural Light no ano passado. O trabalho, com texto original e narração do espetáculo, está previsto para ser lançado em maio, na Bienal do Livro. *Fiat Lux* no teatro e na literatura...

Bahia no Rio

O projeto EnCena Brasil está levando para o Teatro Glauce Rocha peças de todo o país. Para começar, três espetáculos baianos. O primeiro, já em cartaz, é *O Vôo da Asa Branca*, sobre Luiz Gonzaga. No dia 11 de abril entra em cena Umbigüidades, solo da atriz Iami Rebouças. E a partir do dia 25 de abril, o Núcleo do Teatro Castro Alves apresenta a comédia Volpone. Depois virão os gaúchos, tchê!

Irreverência

A peça infantil *Hy Brasil* é uma inovação. Não termina quando a cortina se fecha, mas continua em qualquer lugar via internet. Escrita por Cristina Monteiro e baseada nos recentes livros de Eduardo Bueno, fala da viagem do descobrimento sob um ponto de vista crítico e irreverente. *Hy Brasil* faz parte do projeto ProATO, que pode ser acessado no site www.proato.com.br e está no Teatro Glaúcio Gil aos sábados e domingos. Diversão para baixinhos e altinhos.

Esgrimista

Mário Frias, um dos campeões de cartas da Globo, ator de *Malhação*, estréia nos palcos carioca em maio, dirigido por Jorge Fernando. Para encenar *Os Duelistas*, Mário está tendo aulas de esgrima com seu parceiro de elenco André Segatti. Um duelo de ídolos!

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

MINISTÉRIO DA CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)511-1390 e (21)511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte), Lúcia Tavares (diagramação), Maria Lucia Rangel e Eduardo Graça (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Artcor. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: Divulgação.

Regina Duarte

Apostando as fichas...

Regina Duarte está em cartaz no Teatro Carlos Gomes com a peça Honra.

Eu sou uma atriz. E ser atriz é o oxigênio que me mantém viva. A possibilidade de interpretar um personagem é o que dá todo o sabor da minha vida. E isso eu sei há muito tempo. Sou atriz, de certa forma, desde os 10 anos de idade. Sempre me interessei pela representação. Pela brincadeira de atuar.

Aos 12 anos li minha primeira peça, *O Diário de Anne Frank*. E não foi porque alguém me entregou o livro ou a escola indicou. Eu morava em Campinas e, ao pegar um determinado ônibus, via um homem lendo sempre o mesmo livro. Um dia não resisti e pedi: me empresta? Não só li o livro como fiquei amiga do rapaz. Logo descobri que ele era um ator. E Luiz me apresentou ao teatro.

Aos 14 anos fiz um teste para um grupo amador, o Teatro dos Estudantes de Campinas (TEC). A peça era o *Auto da Compadecida*, do Ariano Suassuna, e eu acabei fazendo o palhaço. Não parei mais. Logo descobri que o mais interessante em atuar é perceber que pode-se apostar sempre na mudança. Que existe um universo enorme de possibilidades para que você, no fim, consiga refletir, retratar as dimensões de um ser humano. Tentar ampliar o universo do ser humano dentro de cada personagem vem sendo minha obstinação nestes anos todos.

Claro que é sempre um desafio querer mais, buscar mais. E tentar deixar de lado o que você já sabe para partir rumo ao desconhecido. Por outro lado, nunca faço planos com antecedência. Não penso: "vou fazer tal peça para enfrentar tal obstáculo e superá-lo". Aposto todas as fichas no que me é apresentado pela vida. Espontaneidade é, também, minha matéria-prima."

Letti e Lotti

O conflito entre a tradição e a inovação reúne Rosamaria Murtinho, Nathalia Timberg e Bibi Ferreira.

Por Eduardo Graça

Você se lembra de Peter Shaffer? O dramaturgo inglês, de 74 anos, ganhou dois prêmios Tony por *Eqqus* (1973) e *Amadeus* (1979), sucessos na Broadway que logo ganharam adaptações (igualmente premiadas) de Hollywood. Hoje ele vive com tranqüilidade - para o bem e para o mal - em Nova Iorque. Seu último texto foi *Lettice and Lovage*, de 1987. Agora com o título de *Letti e Lotte*, o universo tipicamente inglês de Shaffer ganha as feições de Rosamaria Murtinho e Nathalia Timberg. Como se não bastasse, a direção é de Bibi Ferreira, completando 60 anos de carreira.

Foi Rosamaria quem comprou os direitos da peça. A atriz ficou entusiasmada ao ver a diva Meg Smith em Londres. *Letti e Lotte* aparentemente trata do velho embate entre o progresso e a conservação de um mundo que não pode acabar. Papo-cabeça? Que nada. A Letti de Rosamaria é uma funcionária pública que trabalha em um museu britânico como guia. O museu é um sombrio casarão do que pertence à tradicional família Fustian. E o único fato ali ocorrido digno de nota foi uma visita da Rainha Elisabeth I, que tropeçou na escadaria e quase caiu. Sua diretora, Charlotte (Nathalia Timberg), é rígida e conservadora, adaptada às paredes do edifício. O conflito se estabelece quando Letti decide inovar, seja no figurino ousado seja através de lunáticas explicações que subvertem a razão histórica. O resultado é o aumento no museu do movimento do público na mesma proporção que cresce a irritação da superiora.

As amigas

Curiosamente, Rosamaria e Nathalia, grandes amigas, estão trabalhando juntas pela primeira vez. E consideram o momento ainda mais especial porque a direção é de outra querida companheira. Foi pelas mãos de Bibi que Nathalia estreou no teatro, em 1954, na peça *Senhora dos Afogados*, de Nelson Rodrigues. Já com Rosamaria o encontro se deu nas produções da TV Excelsior, nos anos 60.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Bibi não esconde que dirigir as amigas foi um presente para seus 60 anos de carreira. Que em breve se complementam com *Bibi Vive Amália*, biografia dramatizada da fadista Amália Rodrigues.

E o que mais Bibi acha desse encontro? "Fico muito feliz em dirigir duas grandes atrizes como Rosamaria Murtinho e Nathalia Timberg . O ensaio foi tão prazeroso que parecíamos três irmãs nos divertindo. É sempre bom trabalhar com pessoas talentosas, carismáticas e, além de tudo, seres humanos maravilhosos. Só posso dizer que enriquecemos ainda mais nossas vidas e nossas almas com este trabalho . Espero também que o público se enriqueça com nossa arte!". Agora, é com vocês...

PROJETO MULTISHOW DE INCENTIVO AO TEATRO

multishow

O canal entre o teatro e o público brasileiro.

O **Multishow**, como o canal pioneiro no incentivo ao teatro brasileiro, está selecionando peças para o **Projeto Multishow de Incentivo ao Teatro.** O Projeto conta com a cobertura de leituras, ensaios e estréias; produção de *making ofs*; exposição na mídia nas principais capitais; apoio do lançamento no **Multishow em Revista** e divulgação no **Multishow News.**

Envie o seu projeto:
Rua Itapiru, 1209/sala 421 Rio Comprido
20251-032 Rio de Janeiro RJ
ou marketingmultishow@globosat.com.br.

www.multishow.com.br
Para assistir ao Multishow, assine
NET 0800-992211 ou SKY 0800-172728

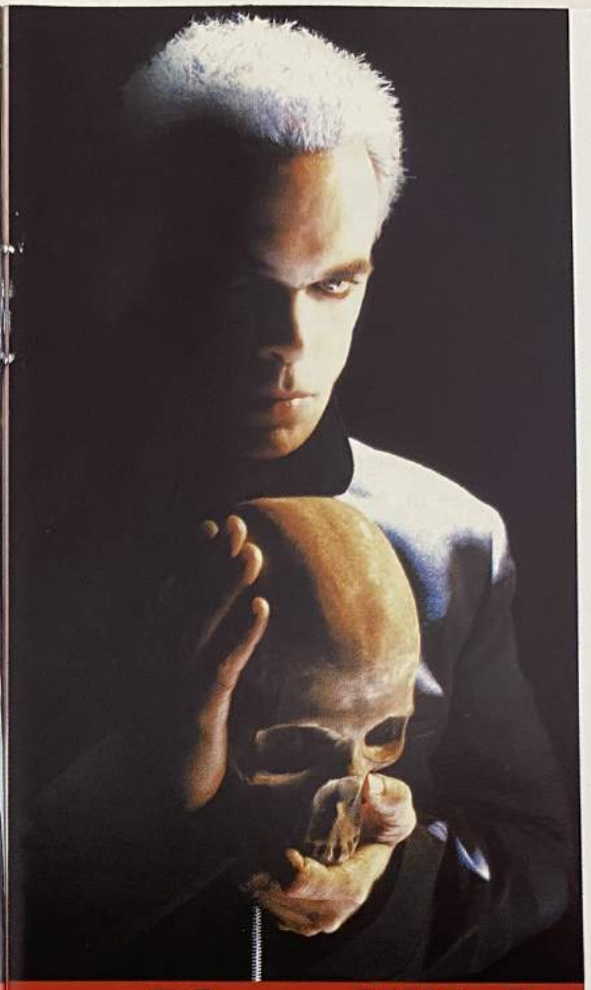
multishow
CANAL GLOBOSAT

Ela completa meio século de carreira com Tchekov. Ele comemora suas três décadas de palco ao lado de Shakespeare...

Por Eduardo Graça

50 + 30 = 80 anos de teatro

Tônia Carrero



e Diogo Villela

Se fôssemos considerar apenas a aritmética, seriam 80 anos de palco. Tônia Carrero completa 50 anos de carreira com a encenação de *O Jardim das Cerejeiras*, do russo Anton Tchekov, em cartaz no Teatro Nelson Rodrigues. Diogo Villela comemora 30 anos de coxia encarando *Hamlet*, de Shakespeare, no Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil. Dois gigantes do teatro saudando o público com duas obras-primas da dramaturgia universal. **Aplauso** convidou a dupla para um divertido bate-papo que, como era de se esperar, teve o teatro como protagonista. Acompanhe!

Diogo Villela — Uma máxima diz que, para trabalhar com Tchekov, é preciso gostar dele...

Tônia Carrero — E isso é muito fácil. Tchekov é uma das pessoas mais gostáveis deste mundo. Um ser surpreendente, que entende os outros e tem uma coisa fundamental para se fazer teatro: misericórdia pela humanidade! E generosidade para com o ser humano.

Diogo — Antes de Tchekov, qual foi sua peça mais recente?

Tônia — Foi o Albee, *Um Equilíbrio Delicado*, com o Walmor (Chagas). Menino, como o Walmor é bom ator, meu Deus!

Diogo — Ele é excelente. Tudo o que ele faz...

Tônia — A luz do Walmor expande sobre todos os outros atores. Todo mundo sabe bem que ele está ali, regendo aquela orquestra.

Diogo — Ele sabe tudo... Mas passando de Tchekov para Shakespeare, você já fez *Macbeth*, não é?

Tônia — E *Othello*. Fiz duas vezes Shakespeare, modéstia à parte. (risos). E *Macbeth* foi um sucesso. Dizem os craques da literatura que Tchekov é o herdeiro número um de Shakespeare... Olhou seu povo e fez dali um mundo inteiro. E escreveu com carinho, lembra do que estávamos falando? Generosidade!

Diogo — Não, você usou outra palavra, mais forte. Misericórdia. Importantíssimo isso, que Shakespeare também tem!

Tônia — Shakespeare tem... e muito. É entender os meandros da alma humana. Não é entender, aliás. Basta uma luz, os outros que entendam.

Diogo — Vivem nos perguntando se temos de ter a compreensão intelectual da obra. Acho que sim. Sem aprofundamento não existe a compreensão orgânica do que você vai falar. Mas às vezes o ponto de vista dos filósofos e intelectuais sobre a obra artística é muito defasado. Há uma diferença enorme entre falar daquilo e viver aquilo, não é?

"Tchekov olhou seu povo e fez dali um mundo inteiro"

Tônia — Concordo! Você está falando dos críticos?

Diogo — Não só dos críticos. Veja só *Hamlet*. É uma peça que tem milhões de pontos de vistas. Eu tinha o maior grilo em dizer que ia fazer esta peça (risos). Achava meio clichê. Aí, quando me perguntavam o que eu ia fazer, falava assim "Hã-let", falava rápido (risos). E depois todo mundo queria me dar um livro sobre Hamlet (risos). Um deles achei lindo, a única coisa, na verdade, de que pude realmente gostar. Era o ponto de vista do Nietzsche.

Tônia — E o que ele fala?

"O herói precisa da ilusão de ganhar a guerra"

Diogo — Ele acha que em Hamlet a questão não é a dúvida, é que quando você vislumbra Dionísio você fica com uma certa letargia ao voltar ao mundo normal. Porque a visão espiritual é tão grande que torna-se impossível uma pessoa cometer uma ação, um ato...

Tônia — Ih, não entendi, quando você vislumbra...como é isso?

Diogo — É o êxtase. Na metafísica, quando você atinge uma outra dimensão. Qualquer coisa acima da humanidade. É o que Nietzsche diz: Hamlet não está em dúvida. Ele não faz nada porque quando vislumbra Dionísio fica com esta letargia. Diz ele que ao herói cabe o véu da ilusão. Achei lindo isso. O herói precisa da ilusão de ganhar a guerra para viver em si.

Tônia — Ele não está em dúvida, ele é superior...

Diogo — Exatamente. Ele não morre mesmo, ele viu o fantasma do pai. Ele estabelece o contato com o sobrenatural.

Tônia — É o contato com uma idéia de verdade...

Diogo —Tá vendo como já mudam as opiniões? Na nossa encenação ele vê o fantasma! De fato. E pode-se criar um monte de parênteses daí, como o encontro com a verdade...Mas tudo isso porque o que eu queria dizer é que nem sempre o intelectual inspira o artista. Embora a gente tenha de ter a compreensão das obras intelectuais que a gente faz.

Tônia — Perfeito. Mas olha... não leia livros sobre Hamlet. Leia *Hamlet*. Aquela figura...E Tchekov era fascinado pelo Hamlet. Há referências a ele em todas as suas peças. Em *O Jardim das Cerejeiras*, o estudante em relação a Lhuba (meu papel) tem uma cena que remete à Hamlet com sua mãe.

Diogo — Ainda vou fazer Tchekov...

Tônia — Podia ser *A Gaivota*. E como mulher mais velha que sou, podíamos até...

Diogo — Fazer juntos! Ia ser bom demais... (risos). A peça de vocês tem uma coisa muito bonita, que é o de mostrar que em Tchekov o que vale é o agora. O agora e o que foi passado para a gente, mas ainda assim é o agora.

Tônia — Ah, mas você foi logo na estréia... (em São Paulo)

Diogo — Sou de teatro. Fui a uma estréia e fui ver porque era você. E porque não pude fazer o espetáculo contigo porque havia esta outra peça. Fui com o maior coração. Sei a dificuldade de uma peça como esta, em que você tem de envolver o público em tempos mornos. Mas, olha, o público tem capacidade para assistir a qualquer grande texto...

Tônia — Até porque realmente é um grande texto...

Diogo — É como querer acabar com a obra de Wagner! Tem coisas que não dá para não ver. É como Hamlet, que entra na essência do homem. É uma facada profunda, uma hipnose.

"Hamlet é uma facada profunda, uma hipnose"

Tônia — O mais louco é que é tudo em verso...

Diogo — Tudo. Impressionante. Mas a gente está fazendo um Shakespeare desarmado. Estamos tentando dar dimensão dramática à tragédia, mas não concordamos com um teatro em que as coisas são feitas de maneira impostada. Nem estamos impostando nem deixando a poesia de lado. Estamos procurando, de alguma forma, nos apropriar das palavras.

Tônia — E isso leva tempo e trabalho...

Diogo — Pois é, acho que se não tivesse feito *Diário de um Louco*, não poderia fazer *Hamlet* agora. O Diário me deu muita técnica, no sentido de saber criar o momento dramático. Porque, se você não trabalha e se vale só do talento, não vai a lugar algum...

A Memória da Água

Ou o que fica quando alguém vai embora para sempre...

Por Maria Lúcia Rangel

A nova peça do diretor Felipe Hirsch começa com a notícia de que o mar está chegando à casa onde três irmãs aguardam o funeral da mãe. Só que, em *A Memória da Água*, os personagens descobrem que nada desaparece completamente. Os pais se eternizam nos filhos. E a memória continua nos objetos e na família que ficou.

Felipe Hirsch está se sentindo em casa. A peça, que estreou no Teatro das Artes com Eliane Giardini, Andréa Beltrão e Ana Beatriz Nogueira, é o complemento do que ele vem fazendo há anos, como *Por um Novo Incêndio Romântico* e *A Vida é Cheia de Som e Fúria*.

Ele utiliza a palavra "impactante" para descrever o que sentiu ao ler o texto da inglesa Shelagh Stephenson. Ali estava um pouco do diagnóstico do seu trabalho. "É um trabalho de evolução constante", diz ele. "Desde 93, trabalho com o tema. E temos agora uma doutora em linguística e psicologia, Célia Arns de Miranda, nos dando muita base e fazendo render o trabalho. É impressionante como existe o poder do tempo em nosso organismo. Sou filho de médico e conheço o ceticismo alopata. Só que a vida prova para eles que o que vivemos se eterniza em nossa memória."

O toque cômico

Mas que ninguém espere uma peça densa, pesada. Tudo é feito com um toque cômico. E aí está, segundo Felipe, o brilho do texto. "A carpintaria da peça é tão boa que foi premiada no mundo inteiro. E me dá a possibilidade de contar uma história emocionante e cômica. É o naturalismo feito dentro da narrativa da memória."

Ele já trabalhou com Eliane Giardini em *Por um Novo Incêndio Romântico* e, tem certeza, ela será sua atriz em muitas outras peças. Ana Beatriz Nogueira ele conhecia das pessoas falarem: vamos ver tal espetáculo

ou filme porque a Aninha está maravilhosa... "Estou encantado com o poder desta menina. Já a Andréa Beltrão é de uma originalidade ímpar. Tem o poder de dominar o tempo no palco."

Ele brinca que o talento de Andréa sempre esteve "na cara". Até cita um time de atores que considera "na cara", como Marco Nanini, Marieta Severo, Pedro Paulo Rangel e Renata Sorrah. Renata será dirigida por ele no segundo semestre, na peça *Jantar entre Amigos*, que também tem Xuxa Lopes no elenco. E ainda tem um terceiro trabalho para 2001, *Juventude*, uma remontagem que estréia no Sesi de São Paulo também no segundo semestre.

FOTOS: NANA MORAES / DIVULGAÇÃO

Com a autora, ele tem tido contatos por e-mails. Finalista do prêmio Pulitzer, com 40 anos de idade, Felipe conta que Shelagh está muito excitada com a estréia de sua peça no Brasil.

Quanto a ser "o diretor da vez", Felipe admite que está sendo colocado neste papel e lembra que tem trabalhado muito, mas sempre dentro de salas.

"A gente faz uma coisa que não é mania nacional. Me parece que fazer sucesso no Brasil é estar domingo na televisão. Encaro o sucesso como uma visibilidade maior no meu trabalho. Passei tempos em Curitiba e agora estou me expondo no Rio e em São Paulo", diz ele. Confira!

Colecione, assine!

Enviamos para todo o Brasil

Assinatura semestral R$ 18

Maiores informações

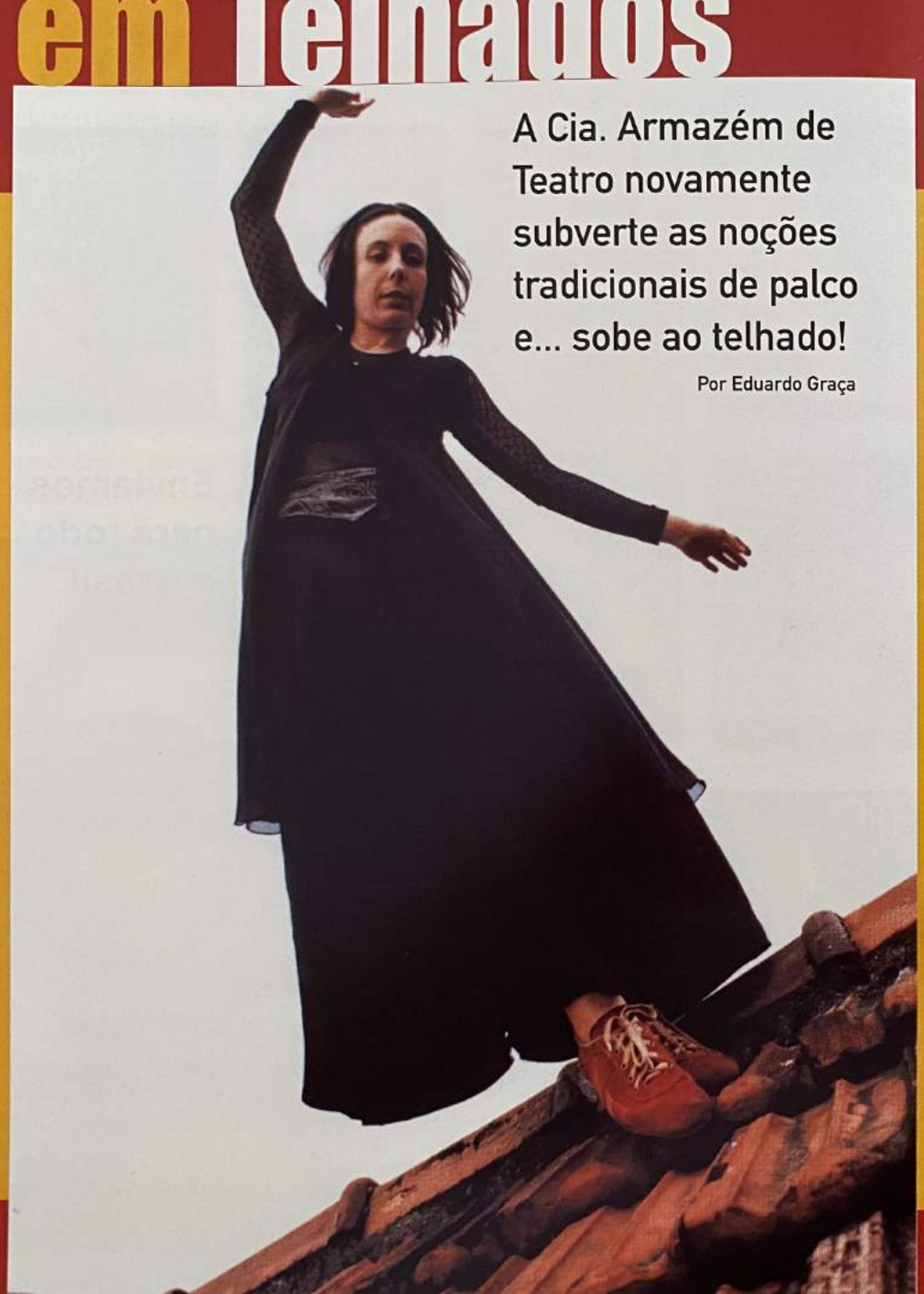
Tel.: (21) 511-5344 / 511-1390

ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

COMPRE JÁ!

Coleção completa de Aplauso por R$ 48! Edições de 1 a 24

Da Arte de Subir em Telhados



A Cia. Armazém de Teatro novamente subverte as noções tradicionais de palco e... sobe ao telhado!

Por Eduardo Graça

Depois do sucesso *Alice Através do Espelho*, um dos pontos altos do teatro carioca na última temporada, a Cia. Armazém de Teatro está novamente na Fundição Progresso apostando em um espetáculo que agarre o espectador pelas sensações a serem despertadas. *Da Arte de Subir em Telhados* é mais um texto de Paulo de Moraes (o diretor da companhia) e de Maurício Arruda Mendonça. E, mais uma vez, os paranaenses exilados no Rio transformaram a parte que lhes cabe do segundo andar da Fundição em uma caixa mágica.

Agora o espectador vai subir ao telhado de um velho frigorífico abandonado para acompanhar a história da turma de amigos comandadas pelos irmãos Das Dores e Remédios. O enredo é bem simples: quatro antigos companheiros de infância se reúnem para o funeral de Remédios (aqui, um menino). A morte sopra as lembranças e lá estão os quatro amigos no telhado, mas quem pesa mais é a memória... pesa tanto que pode levar a um tombo. Ops! Pois é lá embaixo, na escuridão do frigorífico, onde vivem dois irônicos mendigos, que a ação se desenrola. "O tempo aqui é diferente do de *Alice*. Falamos da delicadeza perdida, mas sem cair no lirismo fácil", diz Paulo de Moraes.

Mas assim como em *Alice*, realidade e fantasia se intercalam de modo perturbador. "Queremos manter a comunicação direta com o espectador. Nós achamos que temos a energia dos que mantêm o contato diário com a criação. E não achamos que o público vá ao teatro para descansar. Depois de um dia exaustivo de trabalho, ele vem ao nosso espetáculo para se energizar", diz Paulo.

Alpinismo e acrobacia

Desta vez ninguém vai atravessar paredes ou descer por escorregadores. Nem terá de experimentar chás possivelmente alucinógenos. "Só que as arquibancadas laterais, com o palco no meio, já mostram que queremos o público no centro da história" conta. Um dos trunfos do Armazém — que tem os excelentes Simone Mazzer, Ricardo Grings, Simone Viana, Marcos Martins, Fabiano Medeiros e Alexandre Varella — é a premiada Patrícia Selonk, uma das mais completas atrizes de sua geração. É ela, como Das Dores, irmã do falecido Remédios, quem guia o espectador pelo jogo de memória proposto por Paulo de Moraes. "O teatro tem vários códigos estabelecidos que, de vez em quando, precisam ser quebrados. Fizemos isso em *Alice* e agora quebramos outras regras. Mas sempre deixando claro o papel dos atores no espetáculo", diz a atriz.

Entre vôos acrobáticos, técnicas de alpinismo e quatro parafernálias de duas toneladas cada (subvertendo o espaço cênico de 7 metros de altura), Paulo de Moraes quer apenas contar mais uma boa história, desta vez sob a perspectiva de quem está lá no alto dos telhados. Quem se candidata?

FOTOS: TONY QUEIROGA / DIVULGAÇÃO

Cócegas

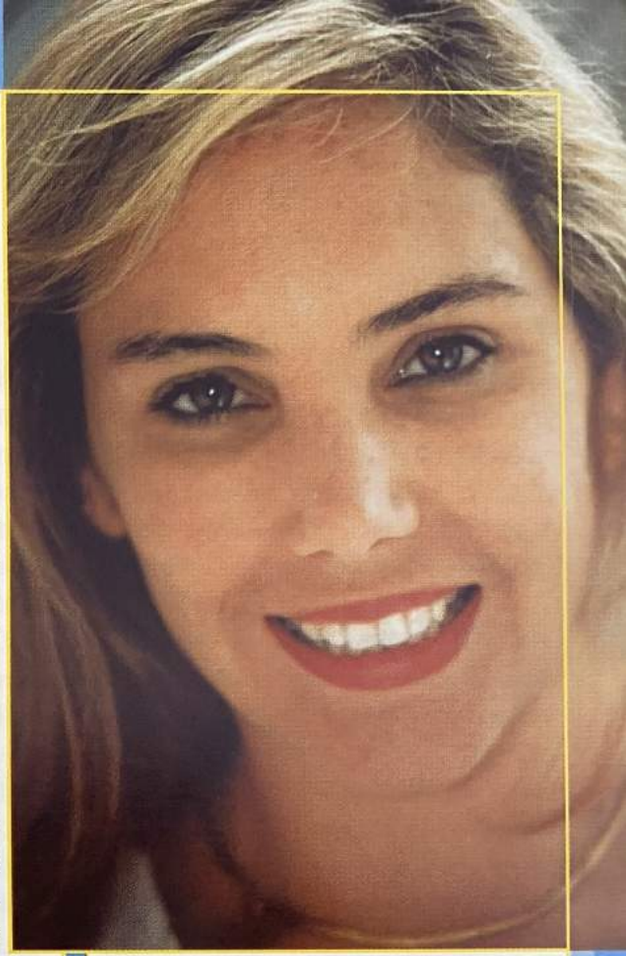
Oito tipos de mulheres, cada uma com seus problemas, sobem ao palco do Teatro Cândido Mendes com o compromisso de provocar muitas risadas.

Por Maria Lúcia Rangel

Duas comediantes, quatro diretores escolhidos a dedo e oito histórias bem-humoradas em que diferentes mulheres se vêem em situações-limite. O resultado é *Cócegas*. Tanto Ingrid Guimarães quanto Heloisa Perissé pensavam em escrever um monólogo quando se encontraram no espetáculo *Laboratório de Humor*, no ano passado. Por que não juntarem forças e escrever juntas uma peça? E assim foi... *Cócegas*, que estréia no dia 20 de abril no Teatro Cândido Mendes, também ganhou quatro diretores de peso, cada um dirigindo dois dos oito esquetes: Aloísio de Abreu, Sura Berditchesky, Luiz Carlos Tourinho e Marcelo Saback.

Aloísio de Abreu, que dirige os esquetes *Fantasia* e *Mulher em Chamas*, assim define o encontro das atrizes: "As duas são inteligentes e, mesmo tendo em comum o traço do humor, são completamente diferentes. A Heloísa é mais histriônica. A Ingrid, mais irônica. As duas se completam muito bem. E a cumplicidade que elas têm fora do palco gera uma química muito boa em cena."

Cada diretor ganhou um dia da semana para ensaiar. Só aos domingos todos se encontravam para se avaliarem. "O mais legal é que você acaba vendo oito peças diferentes. E como queríamos que o Domingos de Oliveira participasse, já que nós duas começamos com ele — a Ingrid fazendo *Confissões de Adolescente* e eu *As Guerreiras do Amor* — ele está fazendo a direção geral. E os quatro diretores adoraram a idéia", diz Heloísa.



Pinto e Pingüim

Conhecidas por suas atuações na TV — Heloisa integra atualmente o elenco dos programas *Zorra Total* e *Escolinha do Professor Raimundo*, Ingrid já fez diversas novelas e seriados — as duas atrizes são também autoras e roteiristas experientes. Heloísa faz parte da equipe de redatores do *Sai de Baixo* e *Zorra Total*. Ingrid foi indicada aos prêmios Shell e Coca-Cola pelo texto de *Duas Mãos*, escrito em parceria com Carol Machado. Escreveu ainda, com Maria Mariana, o mega-sucesso *Confissões de Adolescente*.

"Eu e a Heloísa juntamos nossos textos", conta Ingrid. "Opinamos no que a outra escreveu e em parceria fizemos *Fantasia*, a história de duas atrizes que falam dos seus problemas do dia-a-dia vestidas de pinto e pingüim. A direção deste esquete é do Tourinho. As idéias foram aparecendo a cada dia. Estamos até pensando em ir acrescentando novos quadros ao longo da temporada."

Tantas cabeças pensantes são unidas no final pelo figurino, pela trilha sonora de Carlos Monjope (que tira sons ao vivo de vários objetos) e por um vídeo feito por Régis Faria que liga as cenas das diversas mulheres criadas para *Cócegas*: a professora de ginástica enlouquecida que resolve seus problemas caseiros enquanto dá aula, a modelo anoréxica, a pastora que milionária, as popozudas ligadas no corpo, a neurótica que não dá certo com homem algum e se casa com ela mesma, a mulher que é trocada pelo computador... Uma mistura de tipos que já garante muitas risadas descompromissadas.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

A Máquina

Romance de Adriana Falcão sobre um rapaz nordestino que dá o mundo de presente à namorada. Adaptação de João Falcão. Com Gustavo Lago, Karina Falcão. **Teatro Casa Grande** (Av. Afrânio de Mello Franco, 290, Leblon). Fone: 239-4046. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20 (qui., sex. e dom.). R$25 (sáb.).

A Megera Domada

Adaptação do clássico de Shakespeare, com Marisa Orth e Otávio Müller. Direção de Mauro Mendonça Filho. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes, s/n, Centro). Fone: 221-1223. De quinta a Domingo. Preço e horário a definir. Até 22 de abril.

A Memória da Água

Texto da inglesa Shelagh Stephenson. Três irmãs aguardam o funeral da mãe. Direção de Felipe Hirsch. Com Andréa Beltrão, Eliane Giardini, Ana Beatriz Nogueira e Guilherme Weber. **Teatro das Artes** (Rua Marques de São Vicente 52 – Shopping da Gávea). Fone: 540-6004. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Alta Sociedade

Juntos depois de 30 anos, Fernanda Montenegro e Ítalo Rossi interpretam um casal aristocrata e intelectual na peça escrita e dirigida por Mauro Rasi especialmente para os dois. **Teatro Scala** (Av. Afrânio de Mello Franco, 296, Leblon). Fone: 239-4448. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$30 (qui., sex. e dom.), R$40 (sáb.).

Amante S.A.

Comédia de John Chapman e Dave Freeman sobre as confusões na casa de uma mulher com dois amantes. Tradução e adaptação de João Bethencourt. Direção de Cyrano Rosalém. Elenco: Cristina Prochaska, Hélio Ribeiro, Roberto Frota. **Teatro Rubens Corrêa** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 523-9794. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Calígula

Drama biográfico sobre o imperador romano. Direção de Ed Lopez. **Teatro Museu da República** (Rua do Catete, 153). Fone: 285-6350. Quartas e Quintas, 21h, R$ 5. Até 26 de abril.

Cantores do Chuveiro

Sete cantores amadores se uniram ao pesquisador musical Ricardo Cravo Albim para criar o espetáculo que abrange 100 anos de MPB. O roteiro e a direção geral são do pesquisador. A direção de cena é de Dudu Sandroni. **Café Teatro de Arena** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana). Fone: 235-5348. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Cócegas

Oito histórias bem-humoradas sobre o universo feminino escritas por Ingrid Guimarães e Heloisa Perissé, também as atrizes do espetáculo. Direção de Aloisio de Abreu, Sura Berditchevsky, Luiz Carlos Tourinho e Marcelo Saback. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica 63, Ipanema). Fone: 267-7295. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$10 (sex. e dom.) R$15 (sáb.) Desconto de 50% para estudantes, maiores de 65 anos e moradores de Ipanema.

Company

Comédia musical de Stephen Sondheim, que recebeu sete prêmios Tony quando estreou, em 1970. Direção de Charles Möeller. No elenco, Cláudio Botelho, Cláudia Netto e mais 12 atores/cantores. **Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 541-6799. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$25 (qui. sex. e dom.). R$30 (sáb.).

Da Arte de Subir em Telhados

Uma história de memória e encantamento. Direção e texto de Paulo de Moraes. Com o Teatro Armazém. **Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, s/n, Espaço Oito, Lapa). Fone: 9753-9291. De quinta a domingo, 20 h. R$15 (qui.) e R$ 20 (sex., sáb., dom.).

Hamlet

O clássico de Shakespeare foi a peça escolhida por Diogo Villela para comemorar seus 30 anos de carreira. Direção de Marcus Alvisi. Com Diogo Villela, Camila Amado, Antônio Pedro. **Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2000. De Quarta a Domingo, 19h30. R$ 10.

Honra

Drama moderno. Uma típica família de classe média é abalada com a entrada em cena da amante do marido.

Direção: Celso Nunes. Com Regina Duarte, Marcos Caruso, Gabriela Duarte e Renata Quintela. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/ n). Fone: 232-8701. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$10 (qui. e sex.) e R$15 (sáb. e dom.).

O Jardim das Cerejeiras

Clássico de Tchekov, a encenação comemora os 50 anos de carreira de Tônia Carrero. Direção de Elcio Nogueira Seixas. Com Renato Borghi, Tônia Carrero, Beth Goulart. **Teatro Nelson Rodrigues** (Av. Chile, 230). Fone: 262-0942. De quinta a sábado, 21h, Dom, 18h. R$ 10.

Kurt Weill Cabaret

Musical sobre a vida do autor, da Alemanha até a Broadway. Direção de Fábio Pillar. Elenco: Cláudia Vigonni, Cláudio Tovar e Fábio Pillar. **Teatro de Arena** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana) Fone: 235-5348. Terça e quarta, 21h. R$20. Estréia dia 24 de abril.

Letti e Lotti

A comédia de Peter Shaeffer marca o encontro de três damas do teatro brasileiro. Direção de Bibi Ferreira. Com Rosamaria Murtinho e Nathalia Timberg. **TEATRO SESI** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 563-4163. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h30. R$ 25 (sáb.) e R$ 20 (qui., sex. e dom.).

Mais-que-Imperfeito

Texto de Marcelo Rubens Paiva sobre a vida a dois, onde o autor dá táticas infalíveis para a conquista. Direção de Rafael Ponzi. No elenco, Clara Garcia, Tato Gabus Mendes, Ingra Liberato e Antônio Gonzalez. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote 26, Leblon). Tel: 511-2791. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Maquinária

Musical com roteiro e direção de Tim Rescala e com a Orquestra Brasileira de Sapateado. Coreografias de Amália Machado e Cíntia Martin. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 267-1647. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 (qui.), R$20 (sex., sáb. e dom.). 50% de desconto para idosos e estudantes às sextas-feiras.

Nojo

Comédia musical de Marcos André Temporani, direção de Joaquim Vicente. Com deboche e alegorias, o autor mostra como a competição do capitalismo neo-liberal só pode levar países subdesenvolvidos a um desfecho mortal. **Teatro Museu da República** (Rua do Catete, 153) Fone: 285-6350. Sextas e Sábados às 21:30 h e Domingo às 20h30, R$ 15,00. Até 29 de abril.

Os Milagres de Nossa Senhora Aparecida

A peça de Adailton Medeiros, que homenageia a padroeira do Brasil, está sendo encenada exatamente na hora da Ave Maria, seis da tarde. Direção de Gilson de Barros. Elenco: Vilma Melo, Gilson de Barros. **Teatro Rubens Corrêa** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 523-9794. Sexta e sábado, 18h. Domingo, 17h. R$12. 20% de desconto em dois ingressos para quem levar um quilo de alimento.

Pequeno Dicionário Amoroso

Itinerário sentimental dos personagens, em verbetes que vão de A a Z. Direção e concepção de Jorge Fernando. Com Cláudia Jimenez e Ernâni Moraes. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9895. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.), R$30 (sáb.). Até dia 15 de abril.

Pequenos Trabalhos para Velhos Palhaços

As aventuras de três palhaços aposentados, perdidos em um mundo moderno. Texto de Mattei Vsiniéc. Direção de Andre Paes Leme. Com Augusto Madeira, Claudio Mendes e Alexandre David. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632). Fone: 555-7262. De quinta a domingo, 21h. R$ 5,99. Até 29 de abril.

Qualquer Gato Vira Lata tem a Vida Sexual mais Sadia do que a Nossa

A mais recente comédia de Juca de Oliveira mostra como conquistar a paixão dos homens à luz da psicologia de Darwin. Direção de Bibi Fer-

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

reira. Elenco: Rita Guedes, Marcos Pasquim e Roger Gobeth. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-7246. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 19h. R$20 (sex.), R$25 (qui. e dom.), R$30 (sáb.).

Romeu e Julieta

O clássico de Shakespeare ganha direção de Pedro Vasconcellos, que também atua como Teobaldo, ao lado de Danton Mello e Lavínia Vlasak nos papéis-títulos e mais oito atores da Companhia Carioca de Teatro Jovem. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$25, com desconto de 50% para estudantes.

Toda Nudez Será Castigada

Nelson Rodrigues em montagem paulista, na história da prostituta Geni contratada para seduzir o viúvo rico Herculano. Direção de Cibele Forjaz. Com Leona Cavalli, Hélio Cícero e Gustavo Machado. **Teatro Sesc-Copacabana** (Rua Domingos Ferreira, 169, Copacabana). Fone: 548-1088. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 12.

Todo Mundo tem Problemas (Sexuais)

Comédia do dramaturgo Domingo de Oliveira e do psicanalista Alberto Goldin. O tema é sexo, a abordagem é direta, mas com humor e poesia. Direção de Domingos de Oliveira, com Pedro Cardoso e Banca Byington. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte 26, Leblon). Fone: 274-3536. Sexta e sábado, 21. Domingo, 20h. R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

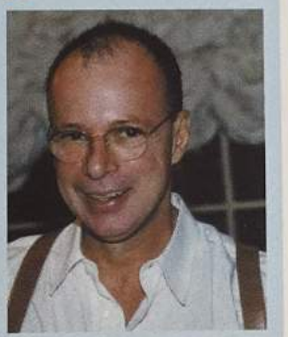
Viagem ao Centro da Terra

Espetáculo interativo, em que o público é convidado a participar de um jogo, um moderno e divertido RPG. Direção e concepção de Ricardo Karman e Otávio Donasci. Com Renato Reston, Walter Rosa. **Armazém da Cultura e Cidadania** (Cais do Porto, Centro). Fone: 223-1038. De quinta a sábado, 21h, Domingo, 20h. R$31,00 (qui.), R$ 41 (sex. e dom.). Capacidade de 55 pessoas por espetáculo e saída do Museu de Ciências da Terra, na Avenida Pasteur, Urca.

não perca

O espetador gostou, assistiu e indica

Company



"É um dos melhores musicais já apresentados na Broadway. E o nível da montagem brasileira é tão bom quanto o dos americanos. Corra já para conferir!",

Gilberto Braga, teledramaturgo.

Viagem ao Centro da Terra

"Um espetáculo muito divertido, onde o espectador interage com o elenco passando pelas mais diversas sensações."

Carla Camurati, atriz.

Pequenos Trabalhos para Velhos Palhaços

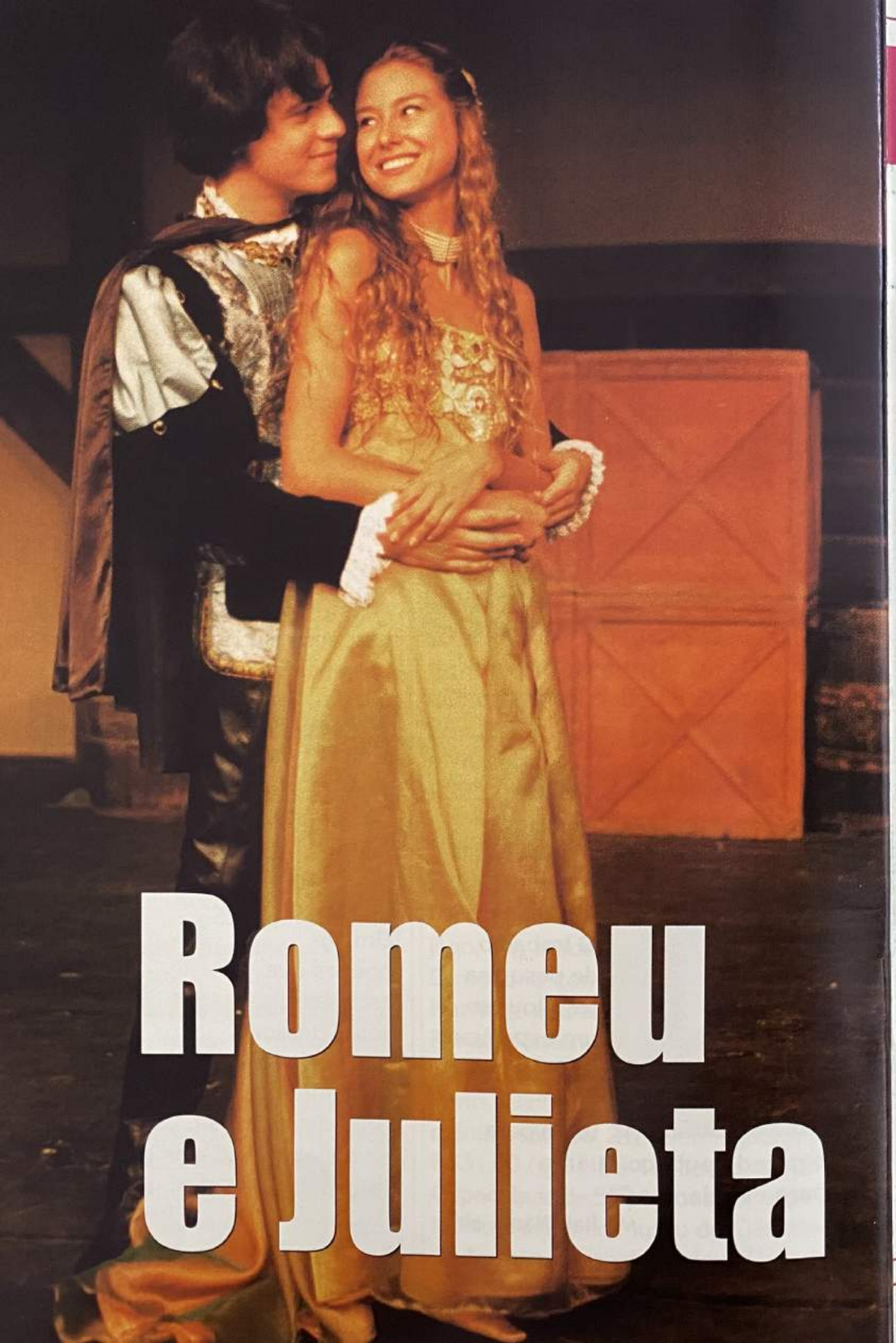
"Inovador, estimulante. O trabalho de pesquisa resultou em um espetáculo de inegável interesse tanto para o grande público quanto para estudantes."

Ítala Nandi, atriz.

Mais que Imperfeito

"Marcelo Rubens Paiva é um dramaturgo de mão cheia! Um dos poucos que escrevem sobre pessoas que conhecemos, gente contemporânea e moderna. Uma comédia deliciosa. Direção e atores ótimos. Especialmente Tato Gabus Mendes, que arrasa."

Paulo Betti, ator.



Romeu e Julieta

FOTO: MALENA / DIVULGAÇÃO

A eterna história de amor, agora acompanhada pelo som dos Beatles.

Por Maria Lúcia Rangel

A Companhia Carioca de Teatro Jovem, criada por Pedro Vasconcelos e Marcelo Faria, está de volta. Criada em 1994, reúne na atual temporada 18 atores no palco do Teatro Clara Nunes, encenando o clássico *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, agora embalado pelo som dos Beatles. Diz Pedro que tanto o escritor quanto os músicos tratam a arte da mesma forma popular. O clássico ganhou leveza com o som dos rapazes de Liverpool.

Depois de *D´Artagnan e Os Três Mosqueteiros* (em cartaz também no Clara Nunes, aos sábados e domingos, em nova montagem do grupo), Pedro e Marcelo escolheram *Romeu e Julieta* por se encaixar em sua linha de trabalho: um texto clássico que interessa ao público jovem. Nem mesmo as afirmações de alguns amigos, do tipo "mas todo mundo já montou", desanimou a dupla. Todo mundo já montou, concorda Pedro, mas para adulto. Agora é uma montagem para jovens em horário adulto. E qual é a mudança do adulto para o jovem?

"A mudança está na síntese das cenas", explica Pedro, diretor e ator. "É preciso que elas tenham outra agilidade, para não dispersar e sim interagir a platéia com a história. É como equiparar ao computador. O segredo é a velocidade do espetáculo. O trabalho é mais difícil porque só fica o essencial."

A adaptação é do diretor e de Marcelo, amigos desde 1989, quando se encontraram nos estúdios da TV Globo em um teste para a novela *Top Model*, de Antonio Calmon. Nos papéis-título, dois atores conhecidos da telinha: Danton Melo (revivendo o personagem 10 anos depois de sua estréia no palco do Teatro Tablado) e Lavínia Vlasak, estreando no teatro. Marcelo Faria faz o irreverente Mercuccio. Caio Junqueira é Benvólio. Pedro Vasconcelos é Teobaldo. E Gabriel Gracindo faz o Conde Paris. Isso sem contar a participação de mais 12 atores.

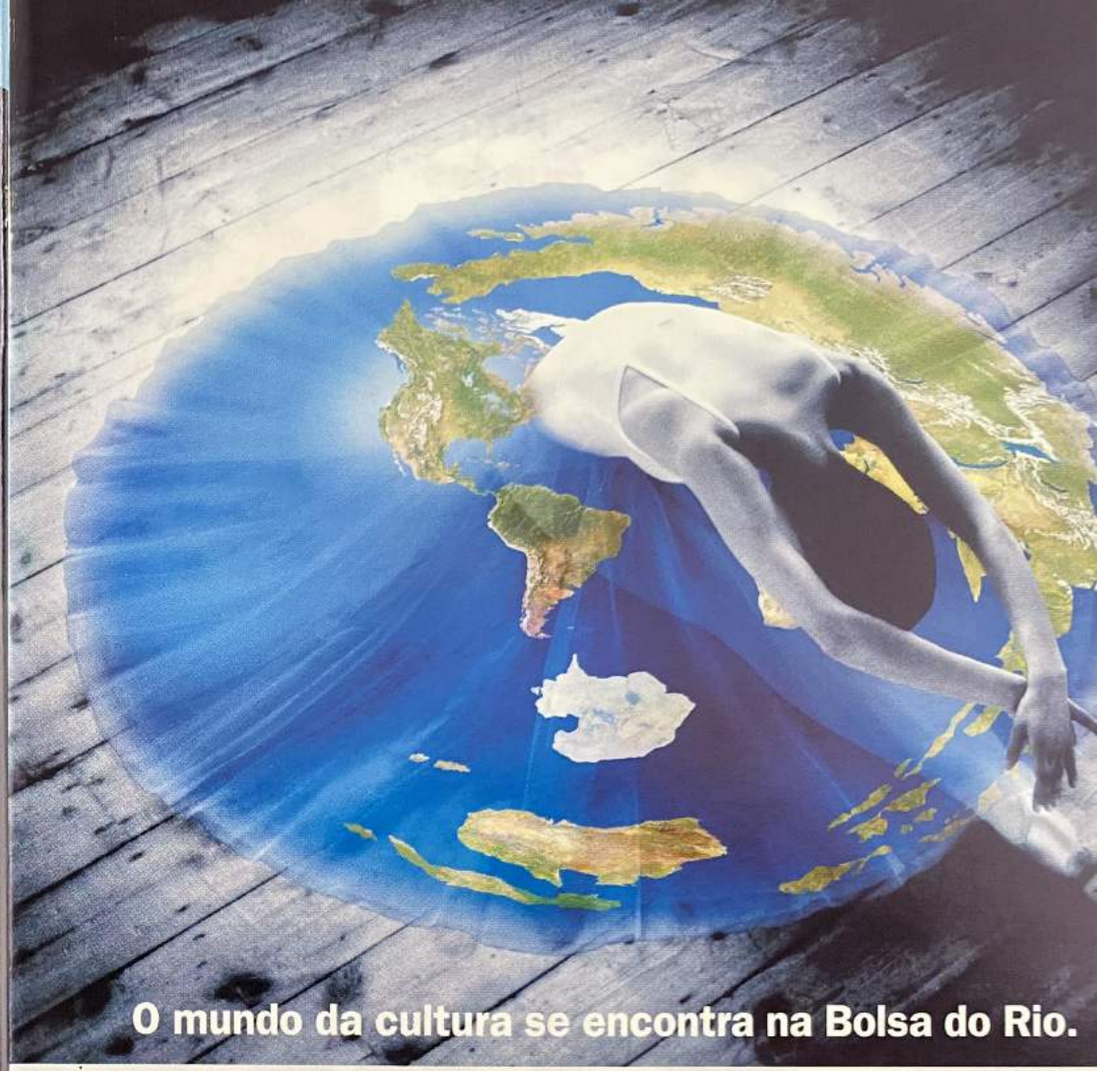
Mensagem de amor

Trabalhar e dirigir é cansativo, admite Pedro. Mas como gosta de adaptar, dirigir e atuar, já que não consegue "ver os companheiros no palco e ficar de fora", ele nunca aceita um papel muito grande. Seu Teobaldo luta com todos, mas é o que tem o menor número de cenas. "Isso me facilita, porque fico mais como ponto de apoio para descobertas

Para unir profissionalmente um elenco tão diversificado, eles contam com a direção de elenco de Luís Carlos Tourinho e com Kátia Achcar, que trabalhou na construção do perfil psicológico dos personagens. Daniela Visco é responsável pela coreografia e Renato Rocha pelas cenas de esgrima. O cenário é de José Dias, Paulo Medeiros assina a iluminação.

E, o mais importante. Os jovens mais uma vez passam uma mensagem, preocupação maior do grupo. "Por mais banal e batido que seja hoje em dia, o amor é importante. Uma palavra pode abrir o coração de uma pessoa. A mensagem é esta, de amor. Os Montecchio e Capuleto são hoje os traficantes de dois morros se matando. Ou o emergente da Barra competindo com o rico da Zona Sul. Não mudou nada."

Tônia Carreiro e Sérgio Viotti em Qualquer Quarta-feira, no Teatro Copacabana, 1964



O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

Após 2 anos de sucesso em São Paulo AGORA NO RIO DE JANEIRO

VISA apresenta

Rita Guedes

Roger Gobeth

Marcos Pasquim

direção
BIBI FERREIRA

texto
JUCA de OLIVEIRA

Qualquer gato vira-lata

tem uma vida sexual mais sadia que a nossa

premio APETESP
MELHOR TEXTO

indicação
MELHOR ATRIZ
MELHOR CENÁRIO
MELHOR TRILHA

www.gatoviralata.com.br

5ª a sábado - 21:30h
Domingo - 19:00h

reserva grupos
tel produção
(21) 7836-1200

TEATRO VANNUCCI
Shopping da Gávea

Rua Marquês de São Vicente, 52
Tel: 274-7246 / 239-8545 / 239-8595

Rio Sul

produção geral
RITA GUEDES
HIRAM RAVACHE

DENA Produções Artísticas

Apoio institucional da Prefeitura do Município de São Paulo

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA